

## **EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA E SAÚDE COLETIVA: Da Medicina Comunitária à Medicina Indígena no Contexto Amazônico**

Caio Augusto Teixeira Souto  
Professor Permanente do PPG Sociedade e Cultura na Amazônia  
(PPGSCA/UFAM)  
E-mail: caiosouto@ufam.edu.br

Edna Márcia Paulino  
Estudante de Mestrado do PPG Sociedade e Cultura na Amazônia  
(PPGSCA/UFAM)  
E-mail: marciapaulinodacosta511@gmail.com

Rogério Marinho Lemos  
Estudante de Mestrado do PPG Sociedade e Cultura na Amazônia  
(PPGSCA/UFAM)  
E-mail: rmarinho131@gmail.com

Jociela Araujo Marinho  
Estudante de Mestrado do PPG Sociedade e Cultura na Amazônia  
(PPGSCA/UFAM)  
E-mail: jociela.araujo@gmail.com

### **Introdução:**

Este trabalho aborda a importância da epistemologia histórica no desenvolvimento da Saúde Coletiva brasileira e seu impacto na valorização das práticas de medicina indígena no contexto amazônico. Inicialmente, exploramos o Movimento da Reforma Sanitária Brasileira, nascido como um movimento simultaneamente acadêmico e político de resistência à ditadura civil-militar (1964-1985). Utilizando uma abordagem metodológica qualitativa, revisamos a literatura e analisamos os trabalhos de Sérgio Arouca e Cecília Donnangelo, além da Teoria do Processo de Trabalho em Saúde desenvolvida na Faculdade de Medicina da USP. A pesquisa se subdivide em três partes: a análise dos conceitos filosóficos de Canguilhem, a metodologia histórica e suas influências na Reforma Sanitária Brasileira até a construção do conceito de medicina comunitária (Cecilia Donnangelo), e a articulação dessas ideias com a antropologia da saúde e com as práticas de medicina indígena das etnias Baniwa, Tuyuka e Hupda, em São Gabriel da Cachoeira/AM.

### **Fundamentação Teórica:**

A base teórica deste trabalho repousa sobre a epistemologia histórica desenvolvida por Georges Canguilhem, que redefiniu a relação entre os fenômenos normais e patológicos e a noção de saúde orientada por valores normativos. Canguilhem propôs que a saúde e a doença devem ser compreendidas dentro de um contexto histórico e social, considerando as influências externas e o papel positivo dos obstáculos no itinerário científico. Os trabalhos de Sérgio Arouca e Cecília Donnangelo foram fundamentais para a adaptação dessas ideias ao contexto brasileiro, contribuindo

para a formulação de políticas públicas que visam a superação das desigualdades sociais. Canguilhem foi crucial na reconfiguração do entendimento da medicina ocidental através de sua epistemologia histórica. Seus conceitos filosóficos, como o caráter normativo da vida e de seu conhecimento, a descontinuidade qualitativa entre os fenômenos normais e patológicos e a definição de saúde orientada pela noção de valor, foram essenciais para promover uma visão mais ampla e inclusiva da saúde. Ele também enfatizou a importância das influências externas sobre os desenvolvimentos científicos, tais como condições sociais e tecnológicas, e atribuiu um papel positivo aos obstáculos e valores negativos no encadeamento das ciências da vida. Estes elementos foram cruciais para promover a articulação entre os interesses políticos e acadêmicos do Movimento da Reforma Sanitária Brasileira. Os conceitos de saúde coletiva desenvolvidos no Brasil tiveram forte influência de autores como Sérgio Arouca e Cecília Donnangelo, que incorporaram as ideias de Canguilhem em suas abordagens teóricas e práticas. Arouca, em sua obra *O Dilema Preventivista*, explorou as tensões entre a medicina preventiva e curativa, enquanto Donnangelo, em *Medicina e Sociedade*, analisou as relações entre médicos e pacientes no contexto brasileiro e desenvolveu o conceito de Medicina Comunitária. Ambos os autores contribuíram para a consolidação de uma visão crítica e transformadora da saúde coletiva no país.

A articulação entre o conceito de medicina comunitária e o de medicina indígena revela-se crucial para entender a diversidade das práticas de saúde no contexto amazônico. Cecília Donnangelo, com seu conceito de Medicina Comunitária, enfatiza a importância da participação comunitária e a adaptação das práticas de saúde às necessidades específicas das comunidades locais. Este modelo é amplamente compatível com as práticas de medicina indígena, que valorizam a interdependência entre os indivíduos e suas comunidades, bem como o uso de recursos naturais e espirituais em seus tratamentos. Já Dominique Buchillet, com sua antropologia da doença, oferece uma visão complementar ao destacar a coerência interna e a racionalidade do pensamento tradicional das comunidades indígenas. Buchillet argumenta que a busca pelo significado ou sentido da doença é um poder explicativo e terapêutico central nas práticas de cura dessas comunidades. Sua abordagem antropológica enfatiza a necessidade de uma visão holística da saúde, considerando os fatores sociais, culturais e ambientais. Esta perspectiva é essencial para entender como as práticas de medicina indígena das etnias Baniwa, Tuyuka e Hupda se integram e se dinamizam com as abordagens biomédicas contemporâneas.

## **Desenvolvimento do Tema**

O desenvolvimento do tema se inicia com a análise detalhada dos conceitos filosóficos de Canguilhem, como o de normatividade vital e o da descontinuidade qualitativa entre fenômenos normais e patológicos. Canguilhem argumenta que a saúde e a doença não são apenas estados biológicos, mas também estados que devem ser compreendidos dentro de um contexto histórico e social. A saúde é definida não pela ausência de doença, mas pela capacidade do organismo de se adaptar e criar novas normas de vida.

Em seguida, abordamos a metodologia histórica de Canguilhem, que enfatiza o desenvolvimento racional dos conceitos e o reconhecimento das influências externas sobre os desenvolvimentos científicos. Canguilhem destacou a importância de entender a evolução dos conceitos médicos em relação às mudanças sociais e tecnológicas, argumentando que os obstáculos, falhas e acidentes desempenham um papel positivo

no progresso científico. Ele criticou a visão linear do progresso científico, propondo que o desenvolvimento científico é marcado por descontinuidades e rupturas.

A terceira parte do desenvolvimento se concentra na articulação entre os interesses políticos e acadêmicos do Movimento da Reforma Sanitária Brasileira. Aqui, destacamos como os conceitos e metodologias de Canguilhem foram cruciais para promover essa articulação e ainda permanecem como elementos desafiadores para as reflexões históricas e filosóficas da Saúde Coletiva. A reforma sanitária no Brasil foi marcada por um forte engajamento político e acadêmico, visando a democratização do acesso à saúde e a implementação de um sistema de saúde universal, o SUS (Sistema Único de Saúde). Este movimento foi influenciado pelas ideias de Canguilhem, que forneceu uma base teórica sólida para criticar o modelo biomédico hegemônico e promover uma visão mais holística e inclusiva da saúde.

Finalmente, analisamos a especificidade das práticas de medicina indígena nas etnias Baniwa, Tuyuka e Hupda. Cada uma dessas comunidades possui conhecimentos únicos sobre saúde e cura, profundamente enraizados em suas tradições e cosmologias. A medicina Baniwa, por exemplo, integra elementos naturais e espirituais em seus tratamentos, enquanto a medicina Tuyuka enfatiza a interdependência entre o indivíduo e a comunidade. A medicina Hupda, por sua vez, valoriza os rituais de cura que envolvem cânticos e danças, reforçando a coesão social e a identidade cultural. A interdisciplinaridade é essencial para compreender e valorizar essas práticas, integrando saberes tradicionais com abordagens científicas contemporâneas

## **Conclusões**

A pesquisa conclui que a epistemologia histórica desempenhou um papel fundamental na construção da Saúde Coletiva no Brasil, oferecendo uma base conceitual sólida para a formulação de políticas públicas voltadas para a superação das desigualdades sociais. Os conceitos filosóficos e a metodologia histórica de Canguilhem foram essenciais para articular interesses políticos e acadêmicos, destacando a importância de considerar as influências sociais e tecnológicas no desenvolvimento da saúde coletiva. Além disso, a valorização das práticas de medicina indígena das etnias Baniwa, Tuyuka e Hupda mostra como a integração de saberes tradicionais e científicos pode contribuir para uma abordagem mais holística e inclusiva da saúde. Esta articulação continua a ser relevante para as reflexões contemporâneas sobre saúde e políticas públicas no contexto amazônico e nacional.

## **Referências Bibliográficas**

- Arouca, S. (2003). *O Dilema Preventivista*. Editora Fiocruz.
- BUCHILLET, D. *Tuberculose, cultura e saúde pública*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.
- Canguilhem, G. (1991). *O Normal e o Patológico*. Forense Universitária.
- Donnangelo, M. C. F. (1975). *Medicina e Sociedade*. Hucitec.
- Paim, J. S. (2008). *A Reforma Sanitária Brasileira e o Sistema Único de Saúde: Uma Trajetória de Lutas e Conquistas*. Fiocruz.